

Gusthavo Gonçalves Roxo¹

**A POÉTICA DA PAISAGEM: A
interseção entre arqueologia e poesia
na antiga Fábrica Confiança, Vila
Isabel - RJ**

**THE POETICS OF LANDSCAPE: The
intersection of archaeology and poetry
at the former Fábrica Confiança - Vila
Isabel - RJ**

¹ Bacharel em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, (2015-2019), atualmente é especialista visitante no Museu Nacional, participando do projeto de requalificação dos espaços de guarda e gestão dos acervos de arqueologia do Museu Nacional/UFRJ

RESUMO

Este artigo explora a paisagem da antiga Fábrica Confiança em Vila Isabel, Rio de Janeiro, por meio de uma abordagem que une arqueologia industrial e poesia. A pesquisa, desenvolvida durante a pandemia, reflete a relação pessoal do pesquisador com o espaço, revelando uma visão fenomenológica do ambiente. A Fábrica Confiança, que operou até 1965 e foi transformada em mercado, é analisada sob a perspectiva da arqueologia da paisagem e do patrimônio industrial, destacando o impacto humano e social da industrialização. O artigo utiliza conceitos de fenomenologia para compreender a relação dos indivíduos com o espaço, inspirando-se em teóricos como Gaston Bachelard e Christopher Tilley. A obra aborda ainda a importância da memória coletiva e individual na preservação do patrimônio industrial e a transformação contínua do espaço urbano. Por meio da poética do espaço, o autor convida à reflexão sobre a coexistência de histórias passadas e presentes na construção da identidade de um lugar.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia Industrial; Arqueologia da Paisagem; Patrimônio Industrial.

ABSTRACT

This article explores the landscape of the former Fábrica Confiança in Vila Isabel, Rio de Janeiro, through an approach that combines industrial archaeology and poetry. The research, developed during the pandemic, reflects the researcher's personal relationship with the space, revealing a phenomenological view of the environment. The Fábrica Confiança, which operated until 1965 and was later transformed into a market, is analyzed from the perspective of landscape archaeology and industrial heritage, highlighting the human and social impact of industrialization. The article employs phenomenological concepts to understand the relationship between individuals and space, drawing inspiration from theorists such as Gaston Bachelard and Christopher Tilley. It also addresses the importance of collective and individual memory in the preservation of industrial heritage and the continuous transformation of urban space. Through the poetics of space, the author invites reflection on the coexistence of past and present stories in the construction of a place's identity.

KEY WORDS: Industrial Archaeology, Landscape Archaeology, Industrial Heritage.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre a paisagem da antiga Fábrica Confiança em Vila Isabel, bairro do Rio de Janeiro. Reflexão esta, que transpassa a arqueologia e se emaranha com a poesia, com a vivência do espaço e da cidade. Fruto de uma pesquisa de mestrado desenvolvida durante a pandemia que mostrou o seu próprio caminho também na relação do Eu, pesquisador, com o espaço.

Quando todo o mundo fecha, a vida se resume ao seu lar, os livros e um dos poucos lugares que você ainda frequenta é o mercado perto da sua casa, que não por acaso é seu objeto de pesquisa do mestrado, tudo se entrelaça e o aluno que é poeta, naturalmente registra os sentimentos, as percepções do todo.

Até a minha qualificação a poesia não fazia parte da dissertação, muito menos a poética do espaço, quando levei para a banca, por pura vontade de expressar o que já vivia, dois poemas que fiz depois de minhas idas à fábrica. Foi quando o Professor Dr. Rui Gomes Coelho, professor assistente de Arqueologia Histórica na Durham University e meu então orientador, Professor Dr. Marcos André Torres de Souza, me sugeriram trazer esse lado para a pesquisa.

Este artigo não vai conseguir explorar a complexidade da arqueologia industrial e da preservação do patrimônio industrial, mas encara o patrimônio a partir e além de seus olhos, a teoria lida pelo poeta, transpassa as páginas virtuais em Arial 12 e se torna verso na rua, sensação e influência.

Peço, portanto, licença aos Arqueólogos e Antropólogos mais tradicionais, leitores deste artigo, para trazer de forma explícita uma pessoa para a discussão, eu. Neste artigo afasto a terceira pessoa e trago a primeira pessoa do singular para apresentar a paisagem através dos meus olhos, dos meus sentidos e afetos.

Na academia usamos a terceira pessoa, para representar o coletivo, nós como pesquisadores, nós: professores e alunos, autor e referenciados etc. Aqui, desejo falar a partir das minhas percepções. Contarei aqui um pouco mais sobre minha relação com a Companhia Confiança Industrial.

A paisagem através de mim, sujeito, agente e produto

O caminho da minha casa, onde escrevo estas palavras, até a Fábrica Confiança não é muito longo: é uma linha reta, com exceção de duas pequenas curvas que devo fazer até chegar ao início da canalização do Rio Joana. Desse ponto, ando cerca de 900 metros, tendo ao lado o canal cercado de flamboyants, que em determinadas épocas do ano ficam floridos, ganhando a rua um tom de avenida colorida, e recebendo garças que, muitas vezes, ficam em seus dosséis e seguem o caminho do rio. Não é raro ver uma das brancas aves de bico amarelo alçar voo entre as árvores e os veículos. A Rua Maxwell, dividida pelo canal, tendo quatro pistas, em dois sentidos diferentes onde, desde cedo, se escuta o som de carros, motos, caminhões. É uma rua que raramente fica vazia.

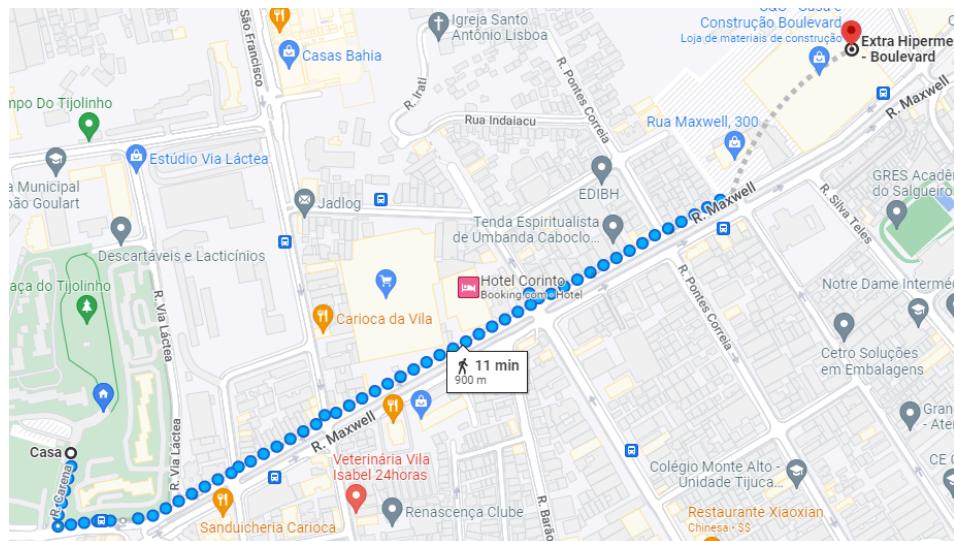


Figura 1: Caminho da minha residência até a antiga Fábrica Confiança.

Se o dia em que percorro esse trecho for uma quinta-feira, é fácil identificar quando se está próximo da fábrica. O barulho da feira na rua em frente ao supermercado é singular. As garças deixam os flamboyants, as torres da fábrica e o rio para ficarem grudadas cercando a barraca de peixe, bem na esquina da Rua Silva Telles, onde ficava a quadra esportiva e o clube da Companhia Confiança Industrial.

Nesse momento, dois caminhos são possíveis: entrar no mercado ou circundar a construção, passando pelas vilas operárias já visíveis junto ao começo da rua da feira. O som das buzinas é intermitente, há carros por todo lado o dia inteiro.

Sigo até a Rua Pisa Almeida, vejo a fachada principal da fábrica, o palacete encoberto por árvores, a rua é mais calma, o som de carrinhos pelo estacionamento à frente ganha vez. Crianças brincam nessa rua e nas pequenas vilas resistentes.

Chego na Rua Artidoro da Costa. Quase toda sua extensão tem apenas casas da Vila Operária. Escuto o som do dia a dia, um homem puxando uma carroça com lixo no fim da rua quebra o silêncio junto aos carros ao longe. Catadores de resíduos sólidos de uma cooperativa que ficava a escola para adultos da fábrica carregam grandes sacos para lá e para cá. Além disso, há carros de som nas proximidades, normalmente anunciando a compra de ferro velho ou vendendo 30 ovos por dez reais.



Figura 2: Visão da fábrica, na Rua Maxwell quase esquina com a Rua Silva Telles, esse ponto era a localização da escola dos filhos dos operários. Foto do Autor.

Chegando à Rua Teodoro da Silva, lembro que foi aqui a rua de Noel, de onde ele ouvia os apitos da fábrica e se inspirou para escrever a canção que eternizou a Confiança.

Seja como pesquisador, morador da região ou até mesmo como indivíduo que também é produto da influência e agência secundária (Gell, 1998) desse espaço.

É certo que há cem anos, por esse caminho que descrevi, se encontrariam linhas de bondes, não haveria rio canalizado. As ruas eram muito mais estreitas. Tampouco tinham a extensão que têm hoje. O caminho quase em linha reta que une minha casa à fábrica ainda iria se desenvolver: a Rua Barão de Mesquita tinha bondes e uma outra fábrica de tecidos ocupava o local de onde hoje vivo. Certamente, toda a trajetória do canal seria afetada por fumaça e sons industriais, altos sons de maquinário, apitos e um contínuo burburinho de trabalhadores indo e vindo a todo tempo.

Tendo funcionado por 78 anos, até 1965, ficou por anos fechada; depois reabriu como shopping, tendo virado mercado e hoje em dia após um ano novamente fechada reabriu às portas em 31 de outubro de 2023 como “Assaí Atacadista”.



Figura 3: Estacionamento do Mercado. Foto do Autor, 2021.

BREVE CONTEXTO TÉORICO-METODOLÓGICO

Segundo Thiessen (2006), o estudo arqueológico de estruturas tais como fábricas, moinhos e estradas de ferro, desenvolvido sob o cunho de “arqueologia industrial” surgiu na Inglaterra na década de 1950, quando Donald Dudley, um latinista da Universidade Birmingham, começou a organizar visitas dos seus estudantes à antigas instalações industriais na região. Essa prática acabou sendo seguida por amadores que se preocupavam com a preservação dos vestígios da industrialização.

Segundo Palmer e Neaverson (1998), a arqueologia industrial começou a ter aceitação na Arqueologia nos anos 1960, na mesma época em que a disciplina começou a adotar uma postura mais teórica. Nesse momento, teve como principal impulso o desejo de registrar artefatos e estruturas, iluminando desse modo, os contextos das pessoas que trabalharam como operárias no passado.

Tanto a arqueologia industrial do século passado quanto a do presente, concentram-se sobretudo na interpretação de sítios, estruturas e paisagens. Antes disso os trabalhos de arqueologia industrial eram voltados em sua maioria para as técnicas, buscando, nessa linha, compreender a identificação e proteção de máquinas, eventualmente apresentando um certo tom de saudosismo e romantismo em relação ao auge de certas indústrias. O fator humano pouco era lembrado no começo e desenvolvimento das primeiras décadas da arqueologia industrial, o que vem mudando.

É nesse contexto que também resolvemos trabalhar e nos envolver com as ideias da Arqueologia da paisagem, sendo ela um componente importante para compreender, entre outros momentos da história, a industrialização. Através dela se torna viável pensar não só a influência da

indústria no bairro de Vila Isabel, mas também no Rio de Janeiro como um todo. A fenomenologia nos ajuda a colocar os indivíduos no espaço:

Quando olhamos a Fábrica Confiança, hoje vemos o barulho dos carrinhos do supermercado, o som das caixas registradoras, os anúncios de promoções. No entanto, não é em toda paisagem, muito menos na totalidade deste ambiente que podemos perceber de alguma forma direta como os indivíduos se relacionavam e viam o espaço pelos sons. Gritos, apitos, o som do maquinário, tudo isso, de sua forma, moldou essa realidade, fazendo parte da estrutura social de seu tempo.

O Arqueólogo Christopher Tilley, estabeleceu em seu livro *A Phenomenology of Landscape*, de 1994, as diferenças entre o espaço abstrato e o espaço humano, sendo o primeiro idealista e irracional, e o segundo materialista e racional. O espaço está, existe, nós o definimos e o reconhecemos racionalmente. Da mesma forma que um espaço é ocupado por diferentes pessoas, grupos e culturas ao longo do tempo, este pode sofrer modificações, se tornando maior ou menor, passando a fazer parte de outro maior preexistente, ou até mesmo deixando de existir.

A PAISAGEM DA FÁBRICA CONFIANÇA

O filósofo francês Gaston Bachelard (1984), em seu livro *A poética do espaço*, utiliza a imagem da casa como um arquétipo para se pensar as relações dos indivíduos com o espaço em diferentes níveis. Ele começa pela casa como um universo inteiro, refletindo sobre as possibilidades do espaço, que ao mesmo tempo é seguro, confortável e incerto, passando também pelas infinitas possibilidades do interior e chegando até a relação da casa com o mundo exterior e sua imagem como ninho, concha, diante da grandeza do mundo. Quando apropriado e vivido pelos seus agentes, um espaço, seja ele qual for, representa uma certeza, uma constância, um conforto numa vida que por si só já é incerta e constantemente alvo de transformações.

Segundo Bachelard (1984), quando a lupa atenta abre o mundo, durante sua contemplação é preciso uma atenção perspicaz para integrar o detalhe. Existem múltiplas realidades e interesses em um mesmo ambiente; por exemplo, numa fábrica onde operários lutam por salários melhores. Há aqueles que não querem interromper o trabalho com greves por medo, receios ou até mesmo porque são contra tais atitudes. Ainda é possível relacionar a ideia de miniatura com a poética dos artistas. O filósofo fala que:

Todo ouvido sensível sabe o que é que um poeta que escreve em prosa, que, em determinado ponto, a poesia acaba por dominar a significação. Em suma, na ordem da audição, temos uma imensa miniatura sonora, a de todo um cosmos que fala abaixo. (BACHELARD, 1984, p. 311)

Noel Rosa, em sua música “Três apitos”, faz um retrato do cosmo com que convivia. Mesmo que indiretamente em seu caso, de sua casa era

afetado pelo mundo exterior, sua paisagem, seus conflitos e sobretudo por suas sensações. Com seus ouvidos atentos ao cotidiano de Vila Isabel, retratava aquela região como um universo.

Toda arte tem um “quê” de local. Todo artista escreve como se sua casa fosse o centro do mundo, por onde na verdade toda sua percepção da realidade o perpassa. Nessa direção, Bachelard (1984) pontua que o espetáculo exterior ajuda a revelar uma grandeza íntima: cada objeto investido de espaço se torna, nesse coexistencialismo, centro de todo o espaço. Para cada objeto o distante é o presente, o horizonte tem tanta existência quanto o centro.

Segundo o filósofo supramencionado, o aqui, o agora e o espaço são tudo. A memória não pode animar o tempo já que ela é uma coisa estranha para este e se revela incapaz de registrar a duração concreta das coisas. Não se pode reviver durações que não mais existem, só é possível pensá-las numa linha de tempo abstrata e privada de densidade.

Quando refletimos sobre esse espaço, sobre suas ocupações e usos do passado, não estamos vivenciando o mesmo mundo. Como então pensar esse lugar com a distância do tempo e durante uma pandemia? Sem ouvir as vozes de antigos trabalhadores, sem se aprofundar em documentos e plantas, pensar esse espaço múltiplo em tal situação é um desafio.

Em 1993, a Lei 2.038 de 19 de novembro criou a Área de Proteção do Ambiente Cultural no entorno da antiga Companhia de Fiação e Tecidos Confiança. Para pensar as transformações dos espaços originais da fábrica, a paisagem se torna um meio que permite a reflexão sobre a conciliação entre memória e novos usos.

Como já citado anteriormente, Palmer e Neaverson (1998) colocam que a tarefa dos arqueólogos industriais é usar evidências físicas e fontes escritas sobreviventes para mapear as mudanças na paisagem urbana que foram provocadas pelo desenvolvimento tecnológico.

A presença da Companhia Industrial Confiança em Vila Isabel pode ser justificada pelos três grupos de fatores definidos pelos autores citados anteriormente: a presença de rios para auxiliar a indústria, o relevo e a oportunidade de mão de obra local.

Durante o século XX ocorreram diversos movimentos migratórios nacionais e mundiais, que proporcionaram uma grande quantidade de trabalhadores à procura de empregos. Muitos (i)migrantes chegavam ao Rio de Janeiro e acabavam trabalhando em fábricas.

Adentrando o aspecto trabalhista, infelizmente até o momento não foi possível averiguar se a Fábrica Confiança utilizou alguma forma de trabalho sem ser o assalariado, seja para sua construção ou em seus primeiros anos de fiação.

Além dos prédios propriamente industriais, para a confecção e guarda de tecido a fábrica possuía outras edificações como a escola para os filhos dos operários, as vilas operárias e a sede do “Confiança Atlético Clube”. Tendo o clube funcionado por 61 anos, inaugurado em 1915, resistiu até o fechamento da fábrica, vindo acabar as atividades anos mais tarde.

O famoso samba-enredo “Peguei um Ita no Norte”, que levou o Salgueiro a ganhar o desfile das escolas de samba de 1993, foi ouvido pela primeira vez no mundo nas dependências da antiga Fábrica Confiança. Onde desde 1976 a escola de samba alvirrubra montava informalmente seu carnaval.

Hoje uma das canções mais célebres da história do carnaval carioca, famosa pelo refrão “*explode coração/na maior felicidade*”, “Peguei um Ita no Norte” ecoa por toda a região nas noites de quinta-feira de novembro a fevereiro, quando os ensaios abertos do Salgueiro percorrem a Rua Maxwell e terminam na altura da antiga Fábrica Confiança, raramente adentrando a Rua Silva Telles, lar do extinto clube “Confiança”, em respeito a um pequeno hospital particular que funciona no local.

Durante as duas primeiras décadas deste século, na área principal da antiga fábrica limitada pelo terreno está uma loja varejista, no conjunto de edifícios, coabitam hoje pequenos empreendimentos. Além do conjunto principal, há o Palacete Barão de Drummond, este também foi residência de gerentes da fábrica além de armazenamento de material fabril. No estacionamento ao lado destes, durante os anos de 2018 e 2020, existiu um espaço destinado a *food trucks*, chamado “*food park*”.

Considerando, segundo Stranchi (2008), a construção de moradias para os operários foi uma substituição de moradias insalubres pelas então chamadas moradias higiênicas e pela política empresarial que objetivava o controle físico, moral e higiênico dos ocupantes, bem como a obtenção de lucro através de aluguéis aos funcionários.

A paisagem industrial já começava a mudar, quando a prefeitura do Rio de Janeiro resolveu demolir algumas casas para abrir um canal para o Rio Joana, que passa perto da área da fábrica até os dias de hoje.

Dois anos após a falência da fábrica, já se pode notar a importância que a música do Noel Rosa tinha não só para Vila Isabel, como também para os operários, figurando como um local de conforto na memória daqueles indivíduos.

A área das casas derrubadas é uma das transformações mais perceptíveis na paisagem nos dias de hoje. Pela lateral de diversas casas operárias que apresentam uma possível continuidade, as vilas costumam ter casas de esquinas, visualmente pensadas para aproveitar o máximo do espaço. Na esquina da Rua Silva Telles com a Rua Maxwell, contudo, isso não ocorre. A escola da fábrica também foi demolida para a abertura do canal.



Imagen 4: Acima; Esquina da Rua Maxwell com a Rua Silva Telles. Foto do Autor



Figura 5: Esquina das Ruas Senador Soares e Araújo Lima. Fotos do Autor

Com a compra da antiga fábrica por uma rede de shoppings e mercados no final dos anos 70, em 1978 começam obras no espaço. Alguns dos edifícios foram demolidos inteiramente ou parcialmente nesse período. O tombamento em nível municipal aconteceu somente alguns anos depois dessas mudanças, portanto na época das demolições nada pode ser feito a respeito do valor social e histórico das ruínas.

No período após minha pesquisa, que enfoca esta companhia industrial, minha vida profissional andou seguindo as águas do Rio Joana. Ele passa ao lado da Casa de Pedra do Museu Nacional, um dos espaços da curadoria de Arqueologia, onde fui técnico temporário e atualmente sou especialista visitante vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).

Certa noite saí do trabalho, onde já fui estudante, caminhei contra o fluxo do rio, a caminho dos apitos, dos carrinhos que voltaram a correr, dos caixas que voltam a fazer barulho, me reencontrei ao prédio que faz ser fácil recordar o passado.

SER: VERBO INTRANSITIVO

O filósofo Gaston Bachelard, no seu já mencionado livro “A Poética do Espaço” de 1984, pensa o espaço não só pelo arquétipo da casa, mas também por intermédio da poesia francesa.

Antes de adentrar suas reflexões sobre a poética do espaço, ele reflete sobre a própria imagem do poeta no mundo e em seu lugar. Segundo ele, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo advindo de uma ontologia direta, o poeta fala do âmago do seu ser, sendo necessário para determinar o ser de uma imagem, senti-la em sua repercussão. É preciso se permitir, ouvir, acreditar nas palavras e naquela visão.

Ao se ler um poeta, este não lhe confia o passado de sua imagem, isto é conhecer o que de fato o inspirou a elaboração de seus versos, no entanto, sua imagem se enraíza de imediato no leitor, por exemplo:

*Quando o apito
Da fábrica de tecidos
Vem ferir os meus ouvidos
Eu me lembro de você
Três Apitos - Noel Rosa (1933)*

Quando Noel Rosa fala dos apitos, da saudade de sua amada, não temos o total conhecimento sobre sua história de amor, não sabemos nada além da sua sensação naquele instante. No entanto, a imagem do poeta à beira do piano, compondo a canção, lembrando da mulher amada, se finca em nossas mentes, através de seus doces acordes e palavras de afeto.

Sobre a percepção dos leitores diante a poesia, Bachelard faz o seguinte comentário:

pede-se ao leitor de poemas para não tomar uma imagem como objeto, menos ainda como substituto do objeto, mas perceber-lhe a realidade específica. É preciso para isso associar sistematicamente o ato da consciência criadora ao produto mais fugaz da consciência: a imagem poética. Ao nível da imagem poética, a dualidade do sujeito e do objeto é matizada, iluminada, incessantemente ativa em suas inversões. No domínio da criação da imagem poética pelo poeta, a fenomenologia é, se assim podemos dizer, uma fenomenologia microscópica. Daí essa fenomenologia ter probabilidade de ser estritamente elementar. (BACHELARD, 1984, p. 185)

Aqui, neste capítulo, assumo também o lugar de poeta, sendo os versos encontrados enquanto produtos microscópicos da minha percepção desse espaço.

Diante da fenomenologia da paisagem, me coloco como ser no mundo. Segundo Tilley (1994) a especificidade de um lugar é um elemento essencial para a compreensão do seu significado. Em suma, o espaço não teria uma essência substancial em si, apenas um significado relacional, criado por meio das relações entre povos e lugares.

O espetáculo exterior vem ajudar o poeta a revelar uma grandeza íntima, onde cada objeto investido de espaço íntimo se torna, nesse coexistencialismo já mencionado, centro de todo o espaço. Importa aqui frisar que este espaço é vivido com todas as parcialidades da imaginação.

A imagem, segundo o filósofo, se transforma num ser novo de nossa linguagem, exprime e nos influencia com sua manifestação. Sendo assim, ela é ao mesmo tempo uma decorrência da expressão do nosso ser:

A imagem, em sua simplicidade, não precisa de um saber. Ela é a dádiva de uma consciência ingênua. Em sua expressão, é uma linguagem jovem. O poeta, na novidade de suas imagens, é sempre origem de linguagem. Para especificarmos bem o que possa ser uma fenomenologia da imagem, para frisarmos que a imagem existe antes do pensamento, seria necessário dizer que a poesia é antes de ser uma fenomenologia do espírito, uma fenomenologia da alma. (BACHELARD, 1984 p. 185)

A casa, como espaço tem como um dos seus maiores poderes a integração para os pensamentos, as lembranças, memórias e sonhos dos homens. Na poética, de acordo com o autor que entrelaço neste artigo, essa integração é feita sobretudo pelo devaneio do poeta. A casa abriga o devaneio; protege o sonhador, nos permite sonhar em segurança. Somente os pensamentos e as experiências asseguram os valores humanos. Sendo o passado, o presente e o futuro, promotores dos diferentes dinamismos da casa, dinamismos que podem se opor, estimular um ao outro e até mesmo intervir no espaço.

Esse pensamento se alinha, de certo modo, com as ideias multitemporais propostas por Hamilakis (2015), onde autor afirma que a Arqueologia lida fundamentalmente com a materialidade do tempo, explorando os múltiplos aspectos sociais e culturais e seus significados em várias temporalidades à partir dos seres, das coisas e do espaço. Um mesmo ambiente passa em séculos diferentes, por transformações e realidades distintas.

A Vila Isabel das fábricas e dos abolicionistas não é a mesma Vila Isabel de uma nova boêmia e de um comércio em transformação. Por mais que os espaços sejam os mesmos, os sujeitos são outros e a forma como lidam com essa materialidade, influencia a própria paisagem, ao mesmo tempo que o próprio ambiente também os influencia.

O autor supramencionado afirma que os arqueólogos e outros especialistas em materialidade são aqueles que de fato podem desmaranhá e compreender as possibilidades e campos sensoriais que

ativam e geram materialidades de várias épocas. Como diz Bachelard (1984), é *pelo* espaço e *no* espaço, que encontramos os belos fósseis de uma duração concretizada de longos estágios do mundo.

Lembrando que a casa e o universo não são universos justapostos, a Fábrica e Vila Isabel, Noel e os Apitos, são elementos de uma dialética que se dinamiza.

Segundo o filósofo que dialógo, a humanidade e o mundo estão numa comunidade em perigo. São temidos um pelo outro, tudo se ouve, no murmúrio do poema. Portanto o espaço aparece ao poeta como sujeito do verbo “desenvolver”, do verbo “crescer”. Esse espaço poético, quando expresso, ganha valores de expansão e pertence a fenomenologia do ser.

Feitas essas considerações, necessárias neste ponto, volto ao meu desejo de colocar em foco a minha vivência nesta paisagem, descrevendo minhas sensações, pensamentos e memórias no espaço da Companhia Industrial Confiança. A partir de agora, irei enfocar em minhas diferentes leituras e referências de paisagem, expressas a partir de minhas poesias. À luz da descrição acima e das reflexões colocadas ao longo da dissertação, escrevi o seguinte poema:

Ser, Verbo intransitivo

*Quero falar de apitos que nunca ouvi
quero falar de operários
que nunca vi
quero falar de uma paisagem
que vivo de outra forma
quero falar de um tempo
estando em outro
quero realçar no presente
a dor do passado
a luta pelo que hoje
é visto como pouco
quero lutar
através das palavras
para ascender a memória
a seu lugar
de farol
não imaculada
não eterna
mas de luz
ante toda e qualquer possível
escuridão.*

Como falar de uma paisagem que hoje vivencio de outra forma? Uma das formas que encontrei está aqui, entre registros e pensamentos que escrevi durante os quase dois anos de pós-graduação. Além de pensar a paisagem passada, quero colocar em perspectiva a paisagem presente através do meu olhar. Uma das minhas primeiras lembranças na Fábrica, também é uma das minhas mais completas memórias da primeira infância.

Não me recordo da primeira vez que entrei e conheci a estrutura e os edifícios, como tantos outros lugares perto da primeira casa, havia uma certeza de que sempre existiram e sempre estiveram ali.

Eu deveria ter quatro ou cinco anos, nos anos de 2000 ou 2001, quando meu Padrinho, que trabalhava e morava em outro estado, estava na cidade para algum feriado. Passei alguns dias com ele e entre tantas coisas que fizemos fomos ao mercado, onde existiu a Fábrica Confiança. Lembro de não estar muito interessado até que ele combinou comigo que se eu fosse me daria um daqueles almanaques de Colorir da Turma da Mônica. O acompanhei feliz, entre os edifícios e corredores de um prédio que parecia eterno. Lembro bem que ao final das compras, paramos numa lanchonete no que hoje seria considerado um espaço “Gourmet”.

Esse espaço localizava-se no fim do corredor entre os dois edifícios principais. Tinha paredes escuras e uma iluminação amarela. Eu olhava de baixo a pintura que naquele momento me parecia imponente, de uma cena de comércio na época do império. A mesma imagem existe até os dias de hoje no atual corredor de caixas do supermercado. Por mais simples que seja essa memória, para mim é a recordação do começo de um afeto que me acompanha até os dias de hoje.

Poucos anos depois, em 2004, quando estudava em uma escola municipal da Rua Silva Teles, bem próximo ao supermercado Extra, comecei a participar de um projeto social chamado “Esporte e Ação”, que ocorria nas dependências do Palacete. Naquele momento existiam diversos cursos naquele espaço.

Segundo matéria do jornal o Globo (Volta, 2001) havia quatro projetos principais: “Um passo a mais”, dedicado a atividades extracurriculares para alunos de ensino fundamental e médio; “Acorde para as cordas”, um programa musical com ênfase no ensino de Música Popular Brasileira (MPB); “Esporte e Ação”, de atletismo para crianças de 7 a 14 anos e “Futuro eu”, de capacitação profissional para jovens de 15 a 18 anos.

Participei das atividades por três anos, até 2006, já que no ano seguinte mudei de escola, o que pela distância e horário me impediram de dar continuidade na participação do projeto. Apesar de considerar ter sido esse pouco tempo de convívio e usufruto semanal do espaço, foram três anos da infância explorando, brincando, e vivendo parte desse espaço.

Escrevendo esse parágrafo, percebo que o lugar de afeto que a Fábrica e essa paisagem ocupam em meu coração é maior do que antes imaginava. Minha jornada como pessoa tem sua história marcada em diversas ocasiões, minha história individual também faz parte dessa rede de memórias e elos coletivos.

Nos meus anos de esporte, sempre com uniforme, uma blusa branca com os logotipos do projeto e bermuda azul marinho, chegava no palacete subindo as escadas laterais mais próximas ao mercado. Quando estava adiantado, em frente ao edifício onde havia um outro espaço elevado com bancos que davam na escadaria em frente ao principal bloco do estacionamento, ficava conversando com colegas e professores até as atividades começarem. Por vezes corríamos, Lembro bem que no fim da pista de atletismo, passando pela lateral do palacete até a escada onde eu

chegava, havia um pequeno caminho onde havia um busto. Era recorrente passar por ele em nossas corridas antes da aula começar.

As minhas aulas ocorriam em dois espaços, sobretudo a quadra e a pista de corrida. A pista não deveria ter mais de 50 metros, vermelha com linhas brancas e superfície bastante áspera. Por isso era o nosso pesadelo caso caíssemos. O projeto ainda tinha outros espaços: uma sala de depósito de material nos fundos do palacete e toda uma estrutura ao lado da pista com dois banheiros, feminino e masculino, e duas salas para as turmas em dias de chuva ou para conversas e atividades de fim de dia.

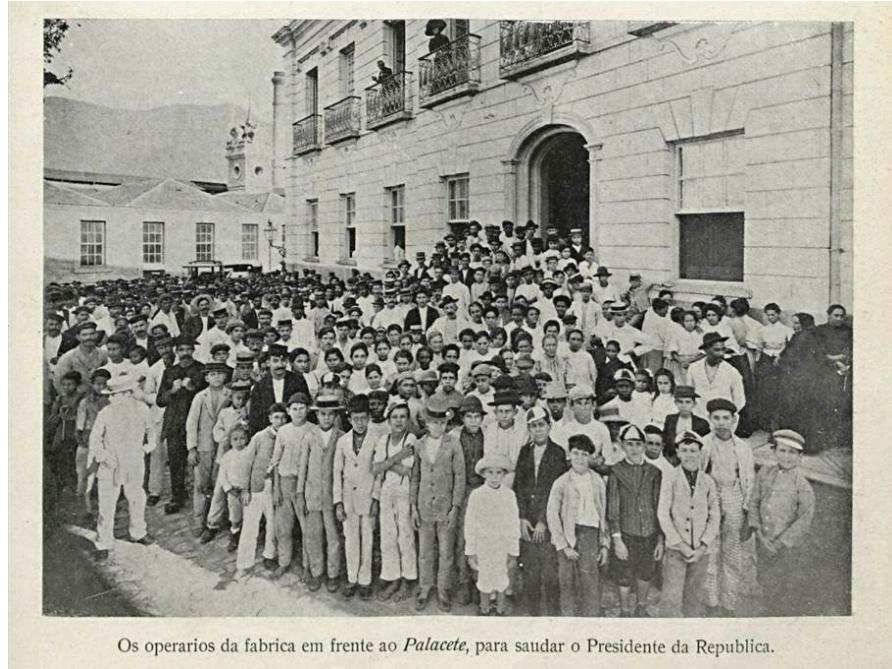


Figura 6: Pista de Atletismo aos fundos do Palacete Maxwell, onde na infância realizei atividades esportivas. Acervo Pessoal, novembro 2021.

Hoje, dezenas de dias e memórias se confundem e misturam, como um longo dia de mil aventuras. Lembro que em diversas ocasiões vimos apresentações do grupo de música, além de naturalmente ouvir seus ensaios durante a tarde, dependendo de onde estivéssemos.

Um detalhe histórico que é interessante ser contado é que o compositor Braguinha ou como também era conhecido, João de Barro, foi filho de um dos diretores da Fábrica e chegou a morar no palacete, onde fez inúmeros saraus que contaram com a presença de músicos da época incluindo Noel Rosa, com quem chegou a ter um conjunto chamado Bando de Tangará.

Durante minha pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, me deparei com a fotografia inserida abaixo, que me tocou profundamente, escrevi o seguinte poema quase de imediato:



Os operários da fabrica em frente ao *Palacete*, para saudar o Presidente da Republica.

Figura 7: Operários da Fábrica em frente ao Palacete (Revista Fonfon/Biblioteca Nacional, 1910).

Jaqueta Amarela

*Parece que por toda a minha vida conheci essa imagem
ao menos foi o que senti ao vê-la
presente e constante
Mesmo que invisível diante meus olhos
de algum modo já existia em meus sonhos
e em minha alma*

*foi uma surpresa
encontrá-la
em jornais de folhas tão amarelas
quer dizer
não foi
já era esperado
assim disse meu Orientador
"Tem certeza que não tem nada nos jornais?"*

*Arquivos fechados
Bibliotecas proibidas
Ônibus lotados
Preços Absurdos
Operários faziam greves em 1901
em 1909
Queriam salários melhores, direitos e liberdade*

Hoje tudo permanece igual

*não temos pressa para parar
o trabalho se torna precário
os direitos conquistados
vão para o ralo
nossa povo morre
e o presidente feliz, provoca aglomerações.*

*Será que esses operários impressionaram Nilo Peçanha?
O que o presidente deve ter pensado?
“certamente se esforçaram”
Crianças eram operários
a jornada era dura
um jovem morreu meses antes dessa foto
sua blusa foi puxada
ele não conseguiu se segurar
Partiu do mundo sendo partido ao meio
De seus vinte e dois anos
Onze foram trabalhando ali
um menino comum
um menino qualquer
que morava em uma casa amarela com a mãe e dois irmãos
todos funcionários da confiança industrial*

*A fábrica vizinha foi apedrejada por não respeitar o luto
não eram nem dez da manhã quando os apitos não tocaram
não haviam teares se movimentando
um único operário
pouco conhecido
parou toda a fábrica
pois naquela época sabiam bem
o valor de uma vida perdida.*

*Nosso Presidente não quer ser reconhecido
como genocida
Nada mudou, nada parou
e quase trezentos mil brasileiros
já tornaram-se um número
na maior tragédia nacional.*

Menos de 100 anos separam a minha vivência de felicidade e alegria no ambiente da antiga Fábrica de Tecidos, desta imagem de 1910, onde é possível ver crianças tão jovens quanto eu nos anos de esporte, trabalhando na indústria. Muitos de meus colegas daquela época eram moradores das vilas operárias, filhos e/ou netos de antigos funcionários da fábrica. Quem sabe até não havia descendentes dessas crianças por lá.

Em 94 anos, um espaço que outrora foi marcado pelo trabalho infantil quando ainda era permitido, valorizava e incentivava a juventude. Essas múltiplas ocupações do espaço, as mudanças sociais não deixam de ter sua beleza e importância.

O poema que transcrevi acima, reflete o que me foi apontado pelo Professor Marcos Souza no exame de qualificação. Inconscientemente ou não, minhas percepções e meu recorte do que foi retratado e contado nesta dissertação foi e segue sendo influenciado pelo meu presente.

Realizei as pesquisas de jornais quando tudo que ouvi no noticiário e os outros todos lugares eram os números de morte diárias cada vez maior, havia medo, não havia vacinas ainda, e mesmo quando começou a ter negligência e o descaso mais uma vez foram imediatos.

Todo esse ambiente, toda essa incerteza e dor no ar de nossa sociedade me influenciaram a olhar a dor no passado. Percebendo que lá e cá, as lutas permanecem, nunca param, as coisas melhoraram, mas a cada dia nossos direitos ficam em xeque. Sob essa ótica, fiz um recorte que conta a violência, que mostra a realidade da vida dos operários. É muito fácil romantizar o passado e as indústrias principalmente se associarmos a ideia de progresso e de identidade nacional que foi tão forte no início do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não foi só a Fábrica que se alterou com as décadas, Vila Isabel também passou por diversos momentos ao longo de seus 120 anos de existência². Sua população teve várias referências de bairro e imagem do local que habitavam. As grandes casas aristocráticas da avenida 28 de setembro, por exemplo, deu lugar para comércios.

Durante a pesquisa na Hemeroteca Digital, diversas foram as reportagens em diferentes décadas nas quais diversos moradores falaram em contextos diferentes dos de hoje ou algo similar: é possível notar um espírito geral de nostalgia onde há um sentimento que Vila Isabel não é a mesma de Noel, dos tempos dos apitos.

² Segundo Gonçalves Roxo (2018), Vila Isabel possui 15 bens tombados nas esferas municipal e estadual, sendo boa parte desses bens, imóveis de escolas e Igrejas, como a Igreja de Santo Antônio de Lisboa e Bom Jesus e o Convento de Nossa Senhora da Conceição da Ajuda. Se destacam ainda a garagem da antiga companhia de transportes coletivos, hoje quadra da escola de samba Unidos de Vila Isabel; a Chácara do Visconde de Ouro Preto; as calçadas da avenida 28 de Setembro e o Parque Recanto do Trovador, antigo jardim zoológico. Esses diversos edifícios, de estilos e momentos diferentes, que são valorizados e reconhecidos diante o estado, demonstram a importância dessa região ao longo dos séculos para a cidade e o estado do Rio de Janeiro.



Figura 8: Captura do vídeo “Desfile de Vila Isabel 1994, disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=6hXazEwadcE>>

Na última década, diversos prédios residenciais foram construídos onde até pouco tempo havia casas mais simples e/ou prédios menores. O Morro dos Macacos, por exemplo, cresceu e a comunidade que existia no início da avenida 28 de setembro foi desapropriada. Ali surgiu a Universidade Estadual do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e o hospital Pedro Ernesto cresceu e se tornou referência na cidade.

As fábricas da região fecharam, os bondes acabaram, aumentaram os ônibus e nos anos dois mil, surgiu a integração com o metrô. Os moradores mais velhos sempre remetem com nostalgia de algo que fechou e/ou mudou.

Mesmo a minha geração, nascida na década de 1990, viu os bares mais famosos e tradicionais fecharem, como o “Petisco da Vila” e o “Planalto do Chopp”. A lamentação foi coletiva e instantânea, inclusive com notícias em alguns jornais.

Durante o tempo que cursei a graduação em Museologia, Vila Isabel se tornou meu ponto de proximidade de casa. Indo do Andaraí para a Urca todos os dias, observei a Vila se esvaziar. O comércio se desvalorizou nesse período, muitas lojas e restaurantes fecharam, até que quase todo o início da avenida estava de portas fechadas.

Do deserto, vi um oásis surgir nos últimos meses, agora durante mestrado. Depois de quase um ano sem passar por lá, fui surpreendido no meio da pandemia com uma nova retomada da vida no bairro, com bares novos por toda parte. Lojas, novos condomínios inaugurando, gente por todas as ruas. A imagem nostálgica se tornou mais uma vez presente, com novas formas.

Digo isso, para exemplificar as multitemporalidades de um mesmo espaço próximo e relacionado ao objeto de estudo dessa dissertação. As possibilidades presentes e futuras de um lugar com tantos acontecimentos são enormes.

O que faz a fábrica?

Faz tecido?

Cria oportunidade?

Muda a cidade?

Traz o progresso?

O que faz o tempo na fábrica?

cansaço?

produto?

humilhações?

o que faz o espaço da fábrica?

Muda

se transforma

é moldado

pela gente que passa

pela gente que fica

que sonha

que morre

que luta

Agentes, produtos, insurgentes

Resistentes

*faço uma pesquisa da fábrica ou a fábrica se mantém viva através de
minhas palavras?*

Também sou resultado

consequência

A fábrica provocou meu pensar

meu olhar

meu ser

Ando por lá

Procurando o que não mais existe

Sendo afetado pelas ausências e presenças

Que me fazem lembrar dos nove apitos.

Esse espaço se desdobra em minha vida pessoal como um lugar recorrente de elos, afetos e experiências. É um dos poucos lugares com que tenho tantas memórias com pessoas tão diferentes e importantes na minha jornada pessoal.

Se é assim comigo, acredito que o mesmo ocorra com tantos outros que vêm na materialidade da antiga Fábrica Confiança coisas que estão muito além do que ela diz num primeiro olhar.

Com certo receio, devo admitir, faço esse relato tão singular, onde além de pesquisador me coloquei como ser na paisagem, produto e agente. Acredito no potencial dessa perspectiva para assinalar, que o espaço industrial dessa fábrica é extremamente significativo para a sociedade como um todo, sobretudo para a região do Andaraí e de Vila Isabel.

Não só por minhas experiências, mas por tudo que li, pesquisei sobre essa indústria e esse espaço. Preciso deixar explícita essa crença,

que se baseia em dados da importância e relevância, ligados ao começo da industrialização brasileira.

A antiga Fábrica Confiança poderia ser certamente reconhecida e tombada em nível federal, por suas influências diretas e indiretas, na cultura e na sociedade. Um conjunto arquitetônico remanescente, que ascende a memória e história de pessoas comuns, trabalhadores e operários, que muitas vezes vieram de outros estados e até de outros países para aqui ter uma oportunidade de sustento para suas famílias.

Meu avô paterno, que era português, chegou ao Brasil na década de 1960 e logo constituiu uma família. Construiu sua casa com as próprias mãos nas proximidades da Fábrica Confiança, na Rua Pontes Correia. Infelizmente, nunca cheguei a conversar com ele sobre a fábrica, já que ele faleceu quando ainda estava cursando a graduação.

Muitas vezes durante os primeiros meses de pesquisa me perguntei se o apito também fez parte de sua rotina, de alguma forma. Perguntei à minha tia paterna, se ela tinha lembranças da fábrica. Ela me contou que mesmo quando já estava fechada, e principalmente quando virou um *shopping center*, o apito continuava a tocar, todos os dias. Na época de seus estudos, em uma escola estadual nas proximidades da antiga indústria, segundo seu relato, os alunos esperavam ansiosamente o apito da fábrica, que tocava um pouco antes do sino da escola, já dando um gostinho do final do dia. Ela estudou na Rua Senador Soares, onde até hoje existe a mesma instituição.

No primeiro período de ensino remoto no programa de pós graduação em Arqueologia do Museu Nacional/UFRJ, no segundo semestre de 2020, tive meu primeiro contato com as ideias da Arqueologia da Paisagem, nesse contexto de aulas, leituras e vivências no espaço me influenciaram a criar o seguinte poema:

Metade do mundo está dançando

*Os prédios industriais
silenciam-se ao tempo
os apitos somem
as memórias findam
o som das máquinas
hoje ganham eco
apenas nas chuvas
o chão que lembra
ressoa o passado
a tempestade traz a alma
que se perde
o chão entoa a canção
que poucos escutam
pelos uivos do vento
se dispersa a memória
o estacionamento vazio
escuro
pouco remete o que já foi*

*a fábrica se mantêm
os moinhos ruíram
os engenhos partiram
os índios morreram
os jesuítas foram expulsos
Dom Pedro foi exumado
Os macacos se extinguiram
os operários lutaram*

*Vidas se foram
Lágrimas caíram
Sangue se perdeu
Viúvas choraram
Burgueses lucraram
O samba surgiu
O frevo sumiu*

*Noel virou poeta
Confiança virou sinônimo de Vila Isabel
A fábrica virou mercado
e os três apitos ganharam o mundo
Enquanto a velha fábrica volta a se esvaziar
Filas pequenas
estacionamento vazios
silêncio nos caixas
máscara nas caras
prateleiras lotadas e carrinhos amassados de tanto uso.*

Esse poema se apresenta, de alguma forma, como um resumo da história e da multitemporalidade de parte deste espaço.

A fábrica construída em áreas de antigos engenhos se tornou um *shopping*, que se transformou em um mercado, que hoje assume um perfil atacadista.

Este foi um breve retrato de minhas percepções, sentimentos e sensações nesse ambiente, durante essa pesquisa. Num mundo, e sobretudo em um país que relata tanta dor, descaso, violência, todos os dias, há tanto tempo, é inevitável não passar isso para essa pesquisa.

Acredito que uma das riquezas da fazer arqueologia industrial envolve a oportunidade de olhar as histórias e a vida de pessoas comuns a partir da materialidade, pensar e refletir sobre seus cotidianos, suas lutas e, sobretudo, as trajetórias dos indivíduos que não costumam ser lembrados. Aqui, mostro brevemente suas buscas por direitos melhores de trabalho.

Há uma facilidade de lembrar de momentos industriais com orgulho, exaltação, glorificando as vidas e os esforços em prol da indústria, da mesma forma que se costuma recordar grandes nomes da história do país, sem olhar para seus atos.

Viver um momento histórico, onde todo dia, os jornais anunciam mais mortes, mais perdas, influenciou toda a perspectiva desse recorte. É

preciso pensar que realizei a minha pesquisa ouvindo notícias de novas variantes do vírus da Covid-19, de recordes de novos casos diários de infectados em diversos países. A tragédia ganhou lugar no presente e isso precisa ser lembrado no contexto de toda essa reflexão, um ser pesquisador, também envolto do pessimismo e das dificuldades do mundo.

A antiga Fábrica Confiança e seu entorno são um espaço que evidencia um dinamismo de transformações da sociedade, a partir de suas diversas modificações e usos. Podemos refletir, por exemplo, sobre as fases econômicas do país. Pode-se começar pelo surgimento da indústria nacional no fim do século XIX, pelas crises econômicas das primeiras décadas do século XX, quando por alguns anos a fábrica passou dificuldades e até chegou a ficar fechada por mais de dois anos. Para o fim das indústrias próximas ao centro da cidade, no início da década de 1960, até o surgimento de grandes shopping centers e mercados entre as décadas de 1980 e 1990.

Apenas durante os vinte e dois meses de pesquisa para a apresentação da dissertação, o espaço da antiga fábrica sofreu diversas modificações. Aconteceu o fechamento da Rio Decor; o surgimento de uma área do estacionamento dedicado a *food trucks*; a presença de um enorme gerador não muito distante do Palacete Maxwell; passando pela transformação do Extra, uma abordagem atacadista no estabelecimento até seu o fechamento e compra pelo grupo *Assaí Atacadista*.

Por um lado, esse dinamismo, concede uma constante valorização do espaço, uma ocupação que inevitavelmente enriquece e fortalece o elo dos moradores da região com a materialidade industrial. Por mais que seja “apenas” um mercado, apenas um local de passagem para muitos, é inegável o encanto e a monumentalidade do edifício diante de todos que passam por ali cotidianamente. Por outro lado, tantas alterações de uso tendem a fragilizar o patrimônio industrial, sobretudo se não acompanhadas de proximidade por especialistas.

Apesar de ter realizado a escrita da minha pesquisa em um momento tão delicado do mundo, acredito que a mesma cumpriu o seu papel, em especial quando me aproprio do olhar em primeira pessoa do autor, para descrever e analisar este espaço a partir do hoje. Não houve a possibilidade de trabalhar com a história oral, nem com documentos existentes em arquivos físicos, e por conseguinte, com a percepção presente nessas fontes. Apenas olhos sensíveis, embebidos de leituras e pertencimento, foram a principal ferramenta para constituição da parte final da minha pesquisa.

A poética surge como resistência e esperança diante desse espaço em constante transformação. Registros que inicialmente nunca seriam anexados a essa pesquisa foram repensados para tal, principalmente a partir de sugestão da banca de qualificação, quando um desses poemas foi apresentado de forma ilustrativa, no início da apresentação. Registros de um pesquisador, sensível, que pertence, influencia e é influenciado pelo espaço desde a juventude, fruto dessa dinâmica social das transformações da paisagem. Relato vivo e relevante, no nosso entender.

Acredito que ainda há muitas possibilidades de estudo do patrimônio industrial em diferentes vertentes e perspectivas, sobretudo

nos espaços da Confiança. Desejo portanto, que no futuro esse artigo possa apoiar outros estudos sobre o tema, oferecendo-se não apenas como um produto de uma pesquisa, mas também como um retrato de um momento específico das transformações desse meio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**, Ed. Abril. Coleção Os pensadores, 1984.

GELL, Alfred. **Art and agency: an anthropological theory**. Oxford: Clarendon, 1998

GONÇALVES ROXO, Gustavo. **No tempo que reconhecer nem sempre é conhecer; reflexões sobre os bens tombados da Grande Tijuca**. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2019.

PALMER, Marilyn;NEAVERSON,Peter. **Industrial Archaeology, principles and practices**, 1998.

STANCHI, Roberto Pontes. **Modernidade mas nem tanto:o caso da vila operária da Fábrica Confiança**, Rio de Janeiro, séculos XIX e XX.

TILLEY, Christopher. **A Phenomenology of Landscape: Places, Paths and Monuments**, Ed: Berg Publishers, UK1994

THIESEN, Beatriz Valladão. **Arqueologia Industrial ou Arqueologia da Industrialização? Mais que uma questão de abrangência**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, v. 4, p. 1-4, 2006.

VOLTA ao passado na Casa de Vila Isabel. Jornal O Globo, 21 de Junho de 2001.